

Os 50 anos do Naea e o impacto no desenvolvimento da Amazônia



Sônia Maria Fonseca Gama¹

RESUMO

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea) completa 50 anos em 2023 e, desde sua implantação, por meio das mais diversas formas de internacionalização da educação superior, almeja a promoção do desenvolvimento na Amazônia, e assim tem feito até a atualidade. Com um corpo docente e discente, pesquisadores e demais intelectuais convidados, nacional e internacional, o Núcleo tem trabalhado em toda a Amazônia Continental, Panamazônia, ou qualquer outra expressão amazônica que envolva os países - Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname, e ainda uma colônia francesa na América do Sul, a Guiana Francesa. Tem como objetivo central a pesquisa, ensino e extensão e, em toda sua trajetória, o Naea vem atuando e contribuindo positivamente para a promoção do complexo e necessário desenvolvimento da região marcada pelo colonialismo e divisões socioeconômicas inaceitáveis, pelas necessidades materiais de uma população historicamente injustiçada socialmente cujos valores e ideias de sociedades mais ricas foram impregnadas nesta região ambientalmente rica, mas longe de ser considerada desenvolvida. Este trabalho tem como base a tese de pesquisa da autora intitulada *Cooperação Internacional e Desenvolvimento Para a Amazônia: a Internacionalização da Educação Superior no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea)*, de natureza qualitativa, tem sua abordagem centrada na avaliação institucional sobre o Naea, sem perder de vista a UFPA, cujo percurso metodológico fez uso de estudo de caso. No campo documental, a pesquisa esteve baseada na legislação nacional, nos documentos da UFPA e do Naea. As pesquisas bibliográficas foram fundamentadas em autores de grande relevância nos temas. Recorreu-se, ainda, às entrevistas semiestruturadas. A partir do conhecimento gerado, afirma-se a relevância do Naea no desenvolvimento da Amazônia por meio da pesquisa, ensino e extensão, frente aos desafios ainda hoje enfrentados e sugere outras formas de melhor alcance.

Palavras-chave: Naea. Amazônia. Desenvolvimento. Internacionalização da educação. Instituições.

¹ Doutora em Desenvolvimento pelo Programa de Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPDSTU) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea). E-mail: sgama35@yahoo.com.br.

ABSTRACT

The Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea) turns 50 years old in 2023 and, since its implementation, through the most diverse forms of internationalization of higher education, it aims to promote development in the Amazônia, and has done so until today. With a teaching and student body, researchers and other invited intellectuals, national and international, the Center has worked throughout the Continental Amazon, Pan-Amazonia, or any other Amazon expression that involves the countries - Brazil, Bolivia, Peru, Ecuador, Colombia, Venezuela, Guyana and Suriname, and a French colony in South America, French Guiana. Its central objective is research, teaching and extension and, throughout its trajectory. Naea contributed positively to promoting the sustainable development in this region marked by colonialism and unacceptable socioeconomic divisions and with a population with historical and socially unjust material needs. It is an environmentally rich region, but far from being considered developed. This work is based on the author's research thesis entitled International Cooperation and Development for the Amazon: the Internationalization of Higher Education at the Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea), of a qualitative nature, its approach is centered on the institutional evaluation of the Naea, without losing sight of UFPA, whose methodological path used case studies. In the documentary field, the research was based on national legislation, UFPA and Naea documents. The bibliographical research was based on authors of great relevance in the topics. Semi-structured interviews were also used. Based on the knowledge generated, the relevance of Naea in the development of the Amazon through research, teaching and extension is affirmed, given the challenges still faced today and suggests other ways of better reach.

Keywords: Naea. Amazônia. Development. Internationalization of education. Institutions.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da Amazônia há muito vem sendo estudado por diversos intelectuais no Brasil e no mundo, que levantam hipóteses sem que estas sejam efetivamente confirmadas. Outros afirmam, a partir de seus gabinetes e literaturas existentes, ou à distância, fatos e contextos sobre a Amazônia.

Este trabalho é resultado de pesquisa de doutorado em que se analisa a internacionalização da educação superior do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea), desde o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a fim de oferecer respostas à construção de um corpus de conhecimento teórico-político sobre cooperação internacional para a internacionalização da educação na Amazônia. Supõe-se que a existência desse movimento de internacionalização da educação superior fez parte e, ao mesmo tempo, é parte fundamental da promoção do desenvolvimento na região amazônica.

Ao refletir, empiricamente, sobre o processo, identifica-se o lugar da Amazônia, enquanto região, no processo histórico de cooperação internacional para o desenvolvimento sustentável por meio de parcerias com o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, com o objetivo de analisar as concepções, as diretrizes e as estratégias da política institucional de internacionalização do Naea e da Universidade Federal do Pará (UFPA), e sua correlação com o desenvolvimento sustentável na região. Para tanto, foram mapeadas estratégias e as principais ações institucionais da política de internacionalização, desde que ele foi criado, na década de 1970, desde a abordagem metodológica da análise institucional. Foram analisadas as ações de internacionalização da educação conectadas com desenhos de políticas públicas de desenvolvimento e construção de uma cultura política, de diretriz única, absorvida e apreendida, que se argumenta que levou a um processo de institucionalização da internacionalização como parte do fortalecimento institucional do Naea e da UFPA. Discutem-se, finalmente, questões e contradições presentes na promoção do desenvolvimento para a Amazônia e o lugar desta região na escala global. Assim, descrevem-se os tempos primórdios do Naea.

No sentido de buscar reunir informações mais concretas, intelectuais residentes na Amazônia e convidados internacionais, professores da UFPA, estiveram reunidos para planejar e instalar na Região um Centro de Altos Estudos, implantando a Pós-graduação como pioneirismo, e a Pesquisa sobre a realidade Amazônica tomou a amplitude da área que integra nove países: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname, e ainda uma colônia francesa na América do Sul, a Guiana Francesa.

Seria um Núcleo ligado à reitoria da UFPA para exercer sua missão interdisciplinar. Neste contexto, o Naea é, desde 1973, Centro de Referência de informações qualificadas sobre a Amazônia, implantado como uma utopia na visão de um de seus criadores, Armando Mendes, e na atualidade, avaliado com nota 7, conceito máximo na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Desde a criação, ganhou reconhecimento por seus trabalhos. Por muitos anos, o Naea pautou a Amazônia em universidades fora do Brasil, promovendo a internacionalização da educação superior mesmo quando ainda se tratava de cooperação internacional, por isso muitos intelectuais vêm escrevendo sobre o núcleo. Nos 35 anos do Naea, o prof. Armando Mendes assim comemorou,

Não escondo, reitero, que esta decisão tem muito a ver com a comemoração dos 35 anos de funcionamento do Naea, há dois anos, levada a cabo em meio ao intencional silêncio institucional sobre o seu pretérito. Valho-me,

além dos arquivos recuperados, de contribuições esparsas, em especial da rememoração documentada da primeira década de existência. Apoio-me em particular no Relatório de gestão do Prof. José Marcelino, a quem transmiti a Coordenação em meados do segundo semestre da existência ostensiva, extrauterina, do Naea, perto do final de 1973 (Mendes, 2011, p. 10-11).

Ao completar 45 anos, o prof. Dr. Aragón também rememorou o Naea, desta feita, perguntou em *paper*: “Após 45 anos, como o NAEA vem respondendo a esse desafio?” (Aragón, 2019, p. 9), e desta forma construiu o artigo: *Naea 45 anos: uma utopia criadora*.

Nos 50 anos, a autora oferece o trabalho ora apresentado, abordando o Naea no contexto da internacionalização da Educação Superior, discutindo os desafios do desenvolvimento.

A CRIAÇÃO E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Da mesma forma, professores do Naea também publicaram em segunda língua. No *paper* 260 do Naea, de autoria de Ana Paula Vidal Bastos, Edna Maria Ramos de Castro, Nírvia Ravena, as professoras lembram que “em alguns círculos de pesquisadores, a excelência científica do Programa permite que seu quadro docente seja convidado a participar de diversos eventos internacionais e a publicar em diversos lugares do mundo” (Bastos; Castro; Ravena, 2010, p. 12).

No âmbito da globalização, o processo de internacionalização da educação superior interligou pessoas que geraram conhecimento científico, tendo em vista a melhoria da qualidade da educação e, neste sentido, internacionalizar as universidades requer estabelecer políticas de educação superior que possibilitem professores e alunos estarem preparados e conscientes para reconhecer e fazer valer o direito a equidade dos povos. Dessa forma, o Naea é uma instituição que nasce internacionalizada e forma seus alunos nesta perspectiva. Não somente com uma universidade na Alemanha, mas com muitos países no mundo e com diferentes docentes.

A contribuição de intelectuais internacionais em ação conjunta no planejamento do Núcleo, na produção literária internacional tanto dos discentes permanentes do Naea como dos pesquisadores que estiveram na Amazônia e realizaram suas pesquisas, publicaram seus livros, ministraram aulas, participaram como palestrantes na Amazônia e, em outras oportunidades, confirmam os processos de internacionalização do Naea. Em entrevista gravada e transcrita para a tese, o prof. Dr. Francisco Costa esclareceu:

Em todas essas fases do NAEA [...] aquela mais ligada ao desenvolvimentismo, tendo essas cabeças que vieram para o NAEA, foram muito importantes. Todos eles, que eram pessoas muito bem formadas, muito sofisticadas, têm naquela relação, tem um momento central de requalificação da sua capacidade reflexiva. Isso aconteceu nos anos 1990 [...] e está acontecendo agora novamente. Essa internacionalização, ela, [...] tem que ser orientada para produzir isso, produzir nova capacidade reflexiva. E não ação coadjuvante (Costa, 2005, p.10).

O Naea possibilitou intercâmbios de professores e alunos, a participação em Redes de Saberes e Pesquisa que aproximaram comunidades acadêmicas com resultados positivos para as instituições envolvidas, além de outras iniciativas e eventos que uniram a Amazônia às comunidades científicas de todo o mundo, reverberando as informações para o progresso e desenvolvimento da região.

As políticas de internacionalização e o papel integrador e interdisciplinar do Núcleo foram reafirmados, não somente com a comunidade acadêmica local, mas com os povos e as instituições locais, respeitando a equidade e considerando a cultura e o saber de cada nação, com uma educação a serviço da sociedade, como bem público.

Diferentes professores da Universidade Federal do Pará, do Brasil e do mundo levam seus saberes para as salas de aulas, auditórios, com palestras e seminários e outros eventos nos espaços do Naea, todos relacionados, direta ou indiretamente, com o desenvolvimento da Amazônia.

O Naea discutiu o conceito de Amazônia e Desenvolvimento tanto no planejamento inicial quanto na avaliação de meio período, ao criar o doutorado, que repercutiu no mestrado e na especialização, e incorporou a discussão sobre o meio ambiente, quando novamente intelectuais internacionais, como Altivalter, Thomas Hurtienne, Bunker, retornam ao Núcleo, conforme relata a profa. Dra. Edna Castro. Segundo a professora, eles foram convidados para dialogar, de forma científica e em regime de cooperação, tipo e formas de desenvolvimento para a região.

Neste período, foram redefinidas as problemáticas de pesquisa, na perspectiva interdisciplinar, o perfil dos alunos e dos professores, ampliando, assim, o debate ambiental.

O conceito de Desenvolvimento Sustentável, ainda hoje discutido como tema em pauta, desde muito tempo o Naea já vinha discutindo sua validação para a Amazônia, ao tempo que pautava o mundo sobre o tema por meio de políticas de internacionalização da educação superior de forma legítima, transparente, objetiva, correta e profissional, partindo do fazer e conhecimento sobre a Amazônia e os amazônidas.

É fato que a implantação de políticas de internacionalização da educação superior é, ao mesmo tempo, um desafio, por estar integrada à educação, como um meio de superação, pois propicia a promoção do desenvolvimento, desde que haja políticas institucionais capazes de produzir e socializar o conhecimento científico produzido na Amazônia como vetor de promoção do desenvolvimento, de qualificação da educação e de manutenção do ensino de qualidade, no campo e na cidade.

O Naea, ao apresentar a Amazônia para o mundo, não apontou um recorte geográfico, mas discutiu conceito de Amazônia, definiu a forma de apresentar uma região tão vasta, tão diversa quanto o próprio conceito. Trabalhou a internacionalização da educação não para “vender a educação”, mas para que esta estivesse a serviço da comunidade amazônica, a serviço da sociedade brasileira e mundial.

O Naea apresentou a Amazônia, nestes 50 anos de existência, não a Amazônia da moda, a marca que concorre com a marca da Coca-Cola em termos de marca mais divulgada, mas o que ela representa para o mundo, o que ela contém, seu protagonismo no mundo Amazônico e o que nele contém.

CONCEITOS E FORMAS DE APRESENTAR A AMAZÔNIA

O então Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia e ex-reitor da UFPA, prof. Dr. Alex. Fiuza de Mello, já denunciava: “a Amazônia virou tema de moda. Muitos se arvoram em referenciá-la, autodeclarando-se porta-vozes de seus interesses e destinos. Neste horizonte o imaginário é fértil [...]” (Mello, 2013, p. 19, grifo nosso).

Aragón (2013, p. 28) assim se manifesta ao referenciar a região: “a Amazônia tem, hoje, portanto, múltiplos significados, e se converteu num conceito polissêmico conforme o interesse de quem o usa” [...]. Nesta mesma publicação, Aragón (2013) faz referência às palavras de Hecht, Cockburn (1990, p. 15) que faz críticas às míticas e fantasias de pessoas que abordam sobre a região e “têm imposto à Amazônia preconceitos que têm exigido um alto preço: a recusa de permitir que a Amazônia conte sua própria história”.

Neste sentido, mesmo que não haja consenso, considerando, porém, a necessidade de limites para a intervenção, pode-se chamar de Panamazônia, envolvendo as 09 nações em uma perspectiva mais ampliada ou de Amazônia Brasileira, considerando o recorte nacional.

Desta forma, falar sobre Amazônia remete também tratar do seu desenvolvimento. Protagonizar a Amazônia! Amazonizar a Amazônia, protagonizando-a significa desenvolvê-la a partir das pessoas que nela vivem.

Desta forma, quanto ao desenvolvimento da Amazônia, há ainda muitos desafios, mesmo porque há muitas propostas, conceitos, adjetivos, modelos e formas de apresentar. As propostas sobre o desenvolvimento da Amazônia são tão complexas como a própria Amazônia. Mas pouco se perguntase o amazônida está incluído no plano de desenvolvimento. E este é o diferencial do Naea. Nos 50 anos de pesquisa, o Naea sempre esteve sediado na Amazônia Brasileira, focadamente na Amazônia Paraense e, embora seus projetos de pesquisas de pós-graduação estejam bastante voltados para esta área geográfica, o Naea, em seu processo de internacionalização da educação, sempre foi Panamazônico.

Com toda a estrutura de internacionalização e o acúmulo de discussão sobre o tema, na atualidade, pode-se afirmar o posicionamento do Naea quanto ao desenvolvimento. Assim, afirma-se o melhor desenvolvimento para a Amazônia é aquele que atende às necessidades do homem da Amazônia no presente, embora o conceito Desenvolvimento Sustentável ainda permaneça como parte do nome de seu programa.

SOBRE O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA

Ao abordar o desenvolvimento, há uma discussão importante a ser considerada: a tipificação e a forma de desenvolvimento apropriado para a Amazônia. Qualquer que seja o desenvolvimento, a complexidade do processo leva à superação de desafios ainda intransponíveis.

Em muito se falou em desenvolvimento harmônico da Amazônia, apresentado pelo Tratado de Cooperação da Amazônia (TCO), que apontava na direção equitativa dos benefícios do desenvolvimento. Assim, esperava-se elevar o nível de vida dos povos, incorporando os territórios amazônicos às economias nacionais, o que até a presente data se constitui como um desafio a ser alcançado.

O Naea, em um dos seus programas, o PPGDSTU, importou da Organização das Nações Unidas o termo “Desenvolvimento Sustentável”, sustentado pelo tripé – crescimento econômico, social e ambiental, conceito este bastante debatido internamente, e hoje ainda presente compondo o nome de seu programa, tanto para uma postura crítica – uma vez que revela as críticas ao desenvolvimento sustentável –, como para abordar o conceito, mas nunca como forma de exaltação ao desenvolvimento ideal para a Amazônia, conforme esclarece a profa. Edna Castro.

Em 2012, o NAEA publicou um livro intitulado Desenvolvimento e Sustentabilidade, organizada pelos docentes Oriana Almeida, Silvio Figueredo e Saint-Clair Trindade Junior. Os

organizadores, que também assinam a introdução, justificam que o tema desenvolvimento tem ganhado a centralidade do debate científico no mundo desde 1950 (Oriana; Figueiredo; Trindade Junior, 2012, p. 7)², e descrevem que o desenvolvimento, conforme o Relatório Nosso Futuro Comum, passou a ser bastante citado e criticado na academia, incorporando a sustentabilidade assumida como paradigma do pensamento acadêmico e das práticas sociais. Nesse sentido, a publicação em forma de coletânea responde à necessidade de responder à “crítica àquela perspectiva e à necessidade de mobilizar o pensamento e a produção científica considerando a multidimensionalidade do desenvolvimento sustentável” (Almeida *et al.*, 2012, p. 8).

Sobre Desenvolvimento Sustentável, Ravena e Acevedo-Marin (2021, p. 328), ao apresentarem publicação sob a chancela do NAEA, tratam desta forma:

o conceito de Desenvolvimento Sustentável vem sendo evocado para laurear as mais ameaçadoras e destrutivas ações do capital sobre todos os elementos que compõem sistemas vitais. Humanos e não humanos sob a égide do “Desenvolvimento Sustentável” estão tão desprotegidos como os sistemas sociais sob a ficção da autorregulação dos mercados.

Marcos Chagas e Edna Castros, ambos doutores e docentes, questionam:

O Desenvolvimento Sustentável é um conceito reducionista pelas tentativas de interpretações positivas da ciência moderna? A ecologia dos saberes insurge-se como alternativa a interpretações não convencionais para o desenvolvimento sustentável? O desenvolvimento sustentável somente pode ser entendido enquanto múltiplas possibilidades de saberes que dialogam em função de práticas e experiências diferenciadas? A ecologia dos saberes e o desenvolvimento sustentável renovam-se pelas possibilidades plurais e inexatas de explicações que se antagonizam com os modelos? (Chagas; Castro, 2012, p. 194).

A questão ambiental também foi um tema incorporado nas discussões do NAEA nos 50 anos de existência do Núcleo. A diversidade ambiental na intensa e imensa floresta Amazônica é exatamente o que a torna única e desafiante. “A dimensão espacial de qualquer iniciativa de desenvolvimento regional, cada um sob sua soberania diferente... cada país trata de forma diferente sua própria Amazônia, resultando numa diversidade política muitas vezes contraditórias” (Aragón, 2013, p. 287).

O estudioso defende a intervenção de um organismo forte na região para a promoção do desenvolvimento que “estimule a cooperação e a integração e que defina marcos regulatórios de atuação que gerem sinergia entre os diversos territórios amazônicos e não prejuízos alegando-se a soberania nacional, pois os fenômenos ambientais não respeitam fronteiras” (Aragón, 2013, p. 287). Entretanto, há controvérsias, uma vez que medidas exógenas como esta precisam ser mais bem trabalhadas, para que possam ter bons resultados. Há que considerar a participação local, seus saberes e educação formal.

2 Os autores fazem referência à “segunda metade do século passado”.

Por outro lado, Aragón (2014, p. 13) afirma que “é preciso reconhecer que nenhum país atingiu o desenvolvimento sem educação adequada; a educação é a chave mestra para a melhoria do bem-estar humano, e deve ser vista como solução dos problemas”. Nesse sentido, o catedrático, nos 50 anos do Naea, tem observado e analisado o papel das agências multilaterais e, ao fazer eco com docentes do Naea, concorda que

a cooperação proveniente do Norte deve ser posta a serviço das instituições do Sul, participando ativamente e em pé de igualdade na definição das áreas de interesse, das estratégias, dos lugares escolhidos para o desenvolvimento das pesquisas, e da produção e disseminação de seus resultados (Aragón, 2014, p. 13-14).

Entretanto, na Panamazônia, as oportunidades educacionais ainda estão concentradas nos grandes centros urbanos.

Em que pese os esforços do Naea, as universidades são capazes de captar maiores recursos financeiros e cooperação técnica, para a melhoria do ensino superior, mas deixam sujeito do campo sem acesso ao nível superior. A zona rural continua sem políticas públicas educacionais e de desenvolvimentos. Simonian (2005, p. 40) já denunciava que “a globalização tem levado a uma exacerbação da pobreza nessas áreas rurais, principalmente naquelas de difícil acesso. Na Amazônia, são mínimos, quando não existentes os serviços de educação, saúde [...]”.

Outros docentes do Naea, a exemplo da prof. Dra. Marcela Vecchione Gonçalves, pesquisa a questão indígena nas relações internacionais e denuncia a ausência de um debate endógeno sobre desenvolvimento, com as contribuições do sujeito do campo e da floresta para o desenvolvimento nacional. O grupo de pesquisa ReExisTERRA - Povos Indígenas e Tradicionais em Tempos de Mudanças Climáticas: adaptação, persistência e resistência em terras e territórios amazônicos, sob sua liderança, tem aportado ao Naea uma atenção muito especial e necessária com os povos indígenas. Espera-se muito em breve que o Naea possa seguir o exemplo da Universidade Nacional Intercultural da Amazônia (UNIA), na Amazônia Peruana, no departamento de Ucayalli, onde parte de seu corpo discente é indígena, resultando, assim, enorme contribuição ao processo de desenvolvimento local.

Aragón (2015, p. 6-7), em seu artigo que trata do desenvolvimento da Amazônia aborda o problema existente na zona rural, sem desconsiderar os da zona urbana agravados pelo processo da migração rural-urbano.

A população da Amazônia [...] concentrou-se em áreas urbanas, gerando problemas ambientais agravados pela rapidez com que se deu o processo. Essa realidade demanda programas específicos que atendam à solução dos graves problemas que atingem a maioria dos que habitam as cidades amazônicas, mas sem descuidar dos conflitos e dos problemas que atingem as áreas rurais.

A população do campo é bastante limitada no recurso mais importante para o alcance do desenvolvimento: o conhecimento científico e quase sempre limitada de promover o desenvolvimento que, efetivamente, seja incluyente a partir de seu protagonismo. Por outro lado, a população do campo que foi para a cidade, muitas vezes, se tornou vítima da violência urbana, ampliando o problema socioeconômico existente.

Nem mesmo as políticas públicas educacionais de ensino superior chegam ao campo e,

no imaginário das pessoas que vivem nestes espaços, ao finalizar o ensino médio, têm em mente que concluíram seus estudos³.

Se a sociedade é tão marcada por segmentações, desigualdades etc., a validação dessa negação é o aprofundamento desse status quo; e isto é um grande problema. Não apenas político, mas também da ciência, ou seja, é um problema nosso (Costa, 2005, p.103).

O Naea implantou o mestrado em Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública (PPGGP), em nível de Mestrado, com o objetivo formar pessoas qualificadas para atuação na gestão pública de desenvolvimento da Amazônia nas áreas ambiental, econômica e social sem, no entanto, deixar de estimular o pensamento crítico do processo e a aptidão para a intervenção na integração e na realidade social. Este mestrado tem formado profissionais que certamente encontram-se, na atualidade em cargos de governo na Amazônia Paraense contribuindo, de forma consciente e qualificada na construção de um mundo melhor, entretanto, não foram identificadas pesquisas sobre estes egressos.

Espera-se que nos próximos 50 anos o NAEA possa acompanhar melhor os egressos como forma de monitoramento do impacto gerado pelo Núcleo no desenvolvimento da Amazônia.

O ENSINO, A PESQUISA E A EXTENSÃO

O Naea contribuiu na construção da Associação Nacional de Centros de Pós-graduação em Economia (ANPEC) em 1973, e em 1978 entrou como membro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), quando a pós-graduação ainda estava em formação no Brasil. De acordo com a profa. Dra. Edna Castro, o Naea institucionalizou a pesquisa na pós-graduação. Ele colocou dentro da universidade a pesquisa porque, praticamente, não se fazia pesquisa nessa época. Então ele integrou a pesquisa à universidade.

Em seguida, o NAEA fomentou programas de pós-graduação na Amazônia Brasileira, pois o modelo utilizado no Núcleo foi replicado em programas de pós-graduação na área de Desenvolvimento Regional e Sustentabilidade em universidades públicas no Amapá, Rondônia, Roraima, Acre, Amazonas e em Instituições de Ensino Superior Privada em Belém e Maranhão (Naea- Bastos et al., 2010).

O desenvolvimento da Panamazônia vem instigando debates no mundo todo e dentre os motivos de tais interesses elencam-se os recursos financeiros destinados para a promoção do desenvolvimento relacionados com os interesses dos países desenvolvimento e até mesmo por solidariedade destes.

Até o início da década de 1970, os nativos da região amazônica, pouco contribuíam e, quando faziam, suas abordagens eram limitadas, pouco qualificadas e, apesar de seus saberes, ficavam bastante limitadas quando próximos (e nem tão próximos) de discursos de teóricos de intelectuais de fora da região. O Naea muda um pouco essa realidade já

3 Conforme pesquisa realizada no Estado do Piauí sistematizada na publicação – Diagnóstico Sobre o Perfil da Mulher Piauiense no Contexto Atual. Disponível em: <https://portal.pi.gov.br/cepm/wp-content/uploads/sites/23/2022/03/Diagnostico-da-Mulher-PI..pdf>. Coordenado pela autora deste paper.

com a realização dos cursos de especialização, ampliando com o ensino e a pesquisa com os cursos de mestrado e doutorado. Para o prof. Dr. Francisco de Assis Costa, docente permanente do Naea, em entrevista gravada para tese afirma que:

uma contribuição concreta do Naea é a capacidade de reflexão. Essa é a principal. Capacidade reflexão, operação desta capacidade em conhecimento específico, conhecimento do lugar, da região, das coisas, e em seguida a oferta disso, aí sim, a sociedade em geral, as suas diversas agências, os seus diversos aparatos para operações práticas. Mas a operação prática, ela não pode substituir a reflexão. Pensar que a reflexão não importa e o que importa é a prática é um erro.

Em continuidade a entrevista realizada, o intelectual aprofunda o esclarecimento quanto à efetiva contribuição do Naea.

A função adequada do Naea é criar capacidade de reflexão. Primeiro passo. Sem isso não é capaz de produzir conhecimento consistente, ajustado, às suas necessidades[...] sem esse primeiro passo ele não é capaz de fazer esse segundo passo. E sem o segundo passo não tem capacidade, ou seja, o conhecimento necessário para ter uma prática, uma prática ajustada, adequada, acurada que possa de fato gerar os efeitos que espera. Pois bem, então há uma hierarquia ensino, pesquisa e extensão que tem que ser cumprida como uma espécie de estratégia única de formação de conhecimento.

A fala do professor Francisco ecoa a dos demais entrevistados. Sem dúvidas que o desenvolvimento científico e a educação constituem os principais instrumentos de desenvolvimento para a Amazônia.

Entretanto, o Naea tem, entre seus princípios, a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Esse princípio ainda está longe de ser alcançado.

Se o ensino e a pesquisa são uma grande conquista que o NAEA tem a comemorar nestes 50 anos, a extensão há muito o que melhorar, pois quando se trata do princípio da indissociabilidade, o desafio a ser enfrentado pelo Naea se torna ainda maior.

O prof. Dr. Fábio Carlos da Silva, nos faz lembrar que há um caminho possível,

é preciso alterar a tradição academicista lusitana de isolamento da universidade em relação à sociedade, aos governos e aos setores produtivos regionais, por meio de uma nova forma de se construir a concepção e implementação de políticas públicas pela negociação com o poder político e econômico regional, de modo a representar os verdadeiros anseios da população amazônica em relação à busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho integrados com a natureza. Para tanto é mister também mudar a mentalidade institucional, revertendo décadas de condicionamento (Silva, 2009, p. 10).

Há que ser melhor socializadas as inúmeras pesquisas realizadas pelo NAEA nestes 50 anos e propor, junto com as comunidades locais e comunidade acadêmica, novas formas de desenvolvimento a partir do conhecimento gerado, conforme relata a profa. Dra. Rosa Acevedo em entrevista gravada e transcrita para a tese.

Esse modelo de Comunidades tradicionais de uso de recursos vai ser totalmente confrontado com a exploração madeireira, exploração pecuária, com o monocultivo e isto foi o que provocou originariamente de uma forma muito rápida nos níveis de devastação e destruição, cujos sujeitos não foram esses povos, mas sim as empresas de mineração ou grandes empresas vinculadas à agropecuária, hoje ao chamado agronegócio e a exploração mineral. Uma economia Castanheira, que poderia estar se desenvolvendo em base diferente, foi destruída. E aí há uma série de resistências de um trabalho de base comunitária (informação verbal).

A Internacionalização do Naea

A Internacionalização da Educação Superior deve ser constituída como um caminho sem volta na mundialização da educação superior. O Naea apontou, e aponta esse caminho, ao longo dos 50 anos de existência.

A dimensão internacional, presente no NAEA desde a sua criação, possibilitou incluir os demais países da Pan-Amazônia nas suas pesquisas, mas hoje essa dimensão se ampliou consideravelmente, porque a Amazônia passou a ser vista no contexto global em que se discute o desenvolvimento sustentável e a biodiversidade (Bastos; Castro; Ravena, 2010, p. 10).

O Naea promoveu políticas de internacionalização da educação superior de diferentes formas, desde o planejamento de constituição do Núcleo, quando intelectuais internacionais foram convidados para pensar a instituição. Quando docentes internacionais estiveram presentes no Naea e foram convidados, ou de alguma forma atuaram profissionalmente fora do país, outros pesquisadores internacionais conheceram a Amazônia e publicaram em seus países. Também alunos do Naea, em formato de cotutela, estudaram em outras universidades, orientados por docentes do Naea. Enfim, afirma-se que a pequena estrutura física do NAEA não comportou o tamanho subjetivo que o Naea tomou frente ao processo de internacionalização da educação superior. Há que se observar, ainda, os diversos seminários, simpósios e demais eventos internacionais organizados pelo Naea em parcerias com organizações internacionais.

Nestes 50 anos, Redes de pesquisas internacionais foram criadas e ampliadas, fortalecendo a relação científica da Amazônia com o mundo. Segundo Aragón (2015, p. 9), “as redes de cooperação facilitam o intercâmbio de professores e pesquisadores, a mobilidade estudantil, a realização de projetos conjuntos e o fomento à integração regional e à cultura da paz”.

Um maior apoio em iniciativas de cooperação Sul-Sul e de Associações como a Associação de Universidades Amazônicas (Unamaz) ampliou o recorte de atuação internacional de pesquisa, ensino e extensão do NAEA, oportunizando, ainda, maior participação e envolvimento dos alunos no processo de internacionalização e, até mesmo, apoiaria os egressos na continuidade de suas atuações como pesquisadores.

Nesses 50 anos, o NAEA tem muito a comemorar, entretanto, há que se pensar também nos desafios a serem enfrentados para que na comemoração dos próximos 50 anos possa estar sendo comemorado o desenvolvimento da Amazônia baseado, acima de tudo, no protagonismo amazônida

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Oriana Trindade de; FIGUEREDO, Silvio Lima; TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeira da. *Desenvolvimento e Sustentabilidade*. ALMEIDA, Oriana Trindade de; FIGUEREDO, Silvio Lima; TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeira da. (org.). Belém: NAEA, 2012.

ARAGÓN, Luis E. *Amazônia, conhecer para desenvolver e conservar: cinco temas para um debate*/ Luis E. Aragón. São Paulo: Hucitec, 2013.

ARAGÓN, Luis E. Cooperação Sul-Sul, uma alternativa para o fortalecimento da capacidade científica e tecnológica dos países em desenvolvimento. *Paper*, NAEA, n. 242, dez. 2014.

ARAGÓN, Luis E. Desenvolvimento amazônico em questão. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 8 set. 2015. 2015. DOI: 10.4000/rccs.5983. *On line*. Disponível em: <http://rccs.revues.org/5983> ;

ARAGÓN, L.E.V. NAEA 45 anos: uma utopia criadora. *Paper*, NAEA, v. 28, n. 1, p. 15, jan.-abr. 2019.

BASTOS, Ana Paula V.; CASTRO, Edna; RAVENA, Nirvia. O NAEA e o Pioneirismo de Formação na Pós-Graduação Interdisciplinar da Pan-Amazônia. *PAPERS*, NAEA, n. 260, mar. 2010.

COSTA, Francisco. Apresentação dos debates. Políticas Públicas, Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável. *In: Políticas públicas e desenvolvimento local na Amazônia: uma agenda de debate*. COELHO, Maria Célia; MATHIS Armin, (org.). Belém, UFPA; NAEA, 2005.

CHAGAS, Marco; CASTRO, Edna. Mineração e desenvolvimento sustentável na perspectiva da ecologia de saberes. *In: Desenvolvimento e Sustentabilidade*. ALMEIDA, Oriana Trindade de; FIGUEREDO, Silvio Lima; TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeira da. (org.). Belém: NAEA, 2012.

MELLO, Alex Fiuza. Apresentação in Amazônia, Conhecer para desenvolver e conservar: cinco temas para um debate. *In: ARAGÓN, Luis E. Amazônia: conhecer para desenvolver e conservar, cinco temas para um debate*. São Paulo: Hucitec, 2013.

RAVENA, Nirvia; ACEVEDO - MARÍN, Rosa Elizabeth. *Amazônia: as ameaças das políticas desenvolvimentistas*. (org.). Belém: NAEA, 2021. 328 p. (Série Desenvolvimento e sustentabilidade).

SILVA, Fábio Carlos da. Raízes amazônicas, Universidade e desenvolvimento regional. *Paper*, Belém, NAEA, n. 250, nov. 2009.

ORIANA; FIGUEIREDO; TRINDADE JUNIOR, 2012. *Desenvolvimento e Sustentabilidade*, orga. Oriana Almeida, Silvio Figueredo e Saint-Clair Trindade Junior.

SIMONIAN, Ligia T. Políticas públicas, desenvolvimento sustentável e recursos naturais em áreas de reserva na Amazônia brasileira. *In: Políticas públicas e desenvolvimento local na Amazônia: uma agenda de debate*. COELHO, Maria Célia; MATHIS Armin, (org.). Belém, UFPA; NAEA, 2005.